



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JOSICARLA FERNANDA FARIA RODRIGUES

**UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?**

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2019

JOSICARLA FERNANDA FARIA RODRIGUES

**UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profa. Me. Eianny Cecília de Abrantes Pontes.

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696e Rodrigues, Josicarla Fernanda Faria.
Um estudo sobre a inclusão do aluno surdo na escola da rede pública: inclusão ou exclusão? [manuscrito] / Josicarla Fernanda Faria Rodrigues. - 2019.
29 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Eianny Cecilia de Abrantes Pontes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Aluno surdo. 2. Escola. 3. Inclusão. I. Título
21. ed. CDD 371.9

JOSICARLA FERNANDA FARIA RODRIGUES

UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE
PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

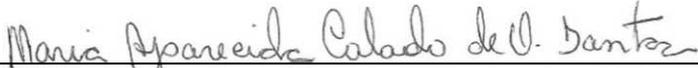
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual
da Paraíba, como um dos requisitos para
obtenção do título de Licenciado em Letras.

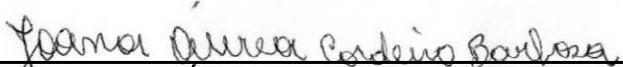
Área de concentração: Ensino

Aprovada em: 11 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Erianny Cecília de Abrantes Pontes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Joana Áurea Cordeiro Barbosa (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus* por ter me dado força, coragem e determinação para persistir na caminhada e chegar até aqui.

Aos meus pais, *Maria do Amparo* e *Manoel Rodrigues*, por serem minha base, minha orientação, a minha fortaleza, por sempre darem o melhor de si por mim, me aconselhando, ajudando, apoiando, não permitindo que eu desista, estando ao meu lado para que eu me mantenha erguida após cada queda.

Ao meu esposo, *Vítor Rhavid*, por ser meu companheiro, meu melhor amigo, meu par, meu amor, que está sempre ao meu lado nos bons e mais difíceis momentos, apoiando-me nas minhas escolhas.

A minha filha, *Júlia Manuella*, que nasceu nesse período de luta, em que eu tinha que deixá-la em casa para ir até Catolé estudar. Quando lembro das madrugadas em que acordava três vezes para desmamar e deixar o leite congelado para garantir sua comida durante todas as manhãs, das vezes em que tinha que me virar em duas para fazer as atividades acadêmicas e ao mesmo tempo lhe dar cuidados, carinho e acalento.

Aos meus colegas e amigos que Deus me presenteou durante essa caminhada, fazendo com que minhas manhãs de estudo se tornassem mais agradáveis, divertidas, fazendo-me entender que juntos iremos mais longe. Alguns se afastaram, outros seguiram rumos diferentes, mas alguns deixaram raízes de uma amizade para toda a vida. São eles: *Alex, Wesley, Carol, Ramires, Thalison, Magda e Rosany*.

A minha orientadora, *Eianny Cecilia*, pelo comprometimento com as orientações, correções e auxílio para a elaboração deste trabalho.

A todo corpo docente, técnicos administrativos, auxiliares de limpeza do curso de Licenciatura Plena em Letras do Campus IV da UEPB, por sempre se manterem atenciosos a me ajudarem sempre que necessário, por compartilharem seus conhecimentos e propiciarem um aprendizado significativo.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram nas etapas do meu processo de formação, o meu muito obrigada.

“Inclusão é sair das escolas dos diferentes e promover a escola das diferenças”.

(MANTOAN)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	12
2.2	A ESCOLA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ALUNO SURDO.....	14
3	METODOLOGIA	15
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	15
3.2	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	16
3.3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	17
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS	
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	
	APÊNDICE B – TERMO DE LIVRE CONSCIENTIMENTO	
	APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARTICIPANTE	

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: RESPOSTAS DA QUESTÃO 01.....	19
QUADRO 02: RESPOSTAS DA QUESTÃO 02.....	20
QUADRO 03: RESPOSTAS DA QUESTÃO 03.....	20
QUADRO 04: RESPOSTAS DA QUESTÃO 04.....	21
QUADRO 05: RESPOSTAS DA QUESTÃO 05.....	22
QUADRO 06: RESPOSTAS DA QUESTÃO 06.....	22
QUADRO 07: RESPOSTAS DA QUESTÃO 07.....	23
QUADRO 08: RESPOSTAS DA QUESTÃO 08.....	23

UM ESTUDO SOBRE A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

Josicarla Fernanda Faria Rodrigues*

RESUMO

O aluno surdo possui uma língua materna que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), oficializada pela lei 10.436 em 22 de abril de 2002. Tanto a LIBRAS quanto a Língua Portuguesa são línguas próprias e oficiais do Brasil, possuem estrutura gramatical e cultura identitária distintas. Sendo assim, é importante debater o processo de escolarização, sobretudo o da alfabetização destes alunos que apresentam necessidades educacionais especiais devido a ausência da audição. Nesse sentido, objetivamos investigar como ocorre o processo de inclusão do aluno surdo na escola pública. Assim, o presente trabalho tem por objetivo geral discutir o processo de inclusão escolar do aluno surdo na escola da rede pública, especificamente, pretende-se realizar uma discussão teórica sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a educação inclusiva para surdos. Posteriormente, será produzido um questionário semiestruturado sobre a inclusão do aluno surdo em sala de aula e destinado para quatro professores de Língua Portuguesa da cidade de São Bento – PB que atuam na rede pública de ensino. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Como aporte teórico nos embasamos nos posicionamentos de Gesser (2009), Skliar (2002), Sacks (2007), entre outros. Como resultado foi possível observar que os professores não possuem muito conhecimento sobre a comunidade surda, sua língua de comunicação, suas características particulares, e por falta dessas informações acabam prejudicando o processo de aprendizagem do aluno surdo, fazendo com que o processo de inclusão não se efetive.

Palavras-Chave: Aluno surdo. Escola. Inclusão.

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV. Email: josicarlaferrnanda@gmail.com

A STUDY ABOUT THE INCLUSION OF THE DEAF STUDENT IN THE SCHOOL OF THE PUBLIC NETWORK: INCLUSION OR EXCLUSION?

Josicarla Fernanda Faria Rodrigues*

ABSTRACT

The deaf student has a native language that is the Brazilian Language of Signals (LIBRAS), made official by Law 10.436 on April 22, 2002. Both LIBRAS and Portuguese Language are official languages of Brazil, have a grammatical structure and identity culture different. Therefore, it is important to discuss the schooling process, especially the literacy of these students who have special educational needs due to absence of hearing. In this sense, how does the process of inclusion of the deaf student in the public school take place? Is there an effective inclusion or exclusion? Based on these inquiries, the present work has the general objective to discuss the process of school inclusion of the deaf student in the school of the public network. Specifically, we intend to hold a theoretical discussion about the Brazilian Sign Language (LIBRAS) and inclusive education for the deaf. Subsequently, a semistructured questionnaire on the inclusion of the deaf student in the classroom will be produced and destined for four teachers of Portuguese Language in the city of São Bento - PB who work in the public school system. It is therefore a field research with a qualitative approach. As a theoretical contribution we rely on the positions of GESSER (2009), SKLIAR (2002), SACKS (2007), among others. As a result, it was possible to observe that teachers do not have much knowledge about the deaf community, their language of communication, their particular characteristics, and lack of this information ends up harming the learning process of the deaf student, making the inclusion process effective.

Keywords: Deaf student. School. Inclusion.

INTRODUÇÃO

Lidar com atividades do cotidiano, que para os ouvintes são consideradas simples, para os surdos essas atividades podem ser grandes desafios, sobretudo quando é discutida a entrada dos mesmos no ambiente escolar. Com relação ao processo de inclusão podemos nos deparar com algumas discordâncias nas visões desse tema sobre as demais áreas. Por exemplo, na área da saúde, os profissionais procuram tratar os indivíduos com deficiência, enfatizando justamente a questão patológica. Contudo, ao tratarmos desses sujeitos dentro do ambiente escolar, não devemos pensar nessas pessoas somente como sujeitos que possuem necessidades especiais, mas sim, em pessoas com necessidades educacionais especiais (PNEE), pois tem-se o interesse em saber quais são as necessidades que determinados sujeitos possuem, para tentar supri-las dentro de sala de aula.

O aluno surdo possui uma língua materna que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), oficializada pela lei 10.436 em 22 de abril de 2002. Tanto a LIBRAS quanto a Língua Portuguesa são línguas próprias e oficiais do Brasil, possuem estrutura gramatical e cultura identitária distintas. Sendo assim, é importante debater o processo de escolarização, sobretudo o da alfabetização destes alunos que apresentam necessidades educacionais especiais devido a ausência da audição. Nesse sentido, como ocorre o processo de inclusão do aluno surdo na escola pública? Há uma inclusão efetiva ou uma exclusão?

Tendo por base essas indagações, o presente trabalho tem por objetivo geral discutir o processo de inclusão escolar do aluno surdo na escola da rede pública. Especificamente, pretende-se realizar uma discussão teórica sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a educação inclusiva para surdos. Posteriormente, será produzido um questionário semiestruturado sobre a inclusão do aluno surdo em sala de aula e destinado para quatro professores de Língua Portuguesa da cidade de São Bento – PB que atuam na rede pública de ensino.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Como aporte teórico nos embasamos nos posicionamentos de GESSER (2009), SKLIAR (2002), SACKS (2007), entre outros. Como resultado foi possível observar que os professores não possuem muito conhecimento sobre a comunidade surda, sua língua de comunicação, suas características particulares, e por falta dessas

informações há um déficit o processo de aprendizagem do aluno surdo, fazendo com que o processo de inclusão não se efetive.

Por meio da inquietação e do interesse em entender os fatores que não contribuem para o processo de inclusão do aluno surdo, bem como das observações da precariedade que esse processo de inclusão sofre na rede pública de ensino, surgiu o interesse em realizar esta pesquisa, com o intuito de contribuir para que os profissionais da área da educação se conscientizem e reflitam sobre suas práticas pedagógicas. Esse trabalho se mostra relevante para as discussões sobre o processo de inclusão do aluno surdo, apresentando as opiniões de professores que atuam em escolas em que há alunos surdos matriculados, mostrando como a falta de conhecimento e o despertar para essa causa tão importante podem prejudicar o aprendizado de indivíduos que não possuem problemas cognitivos que os abstenham de aprender tanto quanto o aluno ouvinte.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de comunicação dos sujeitos surdos. Tornou-se língua oficial no Brasil por meio da Lei 10.436 no dia 24 de Abril de 2002 (BRASIL, 2002) que foi decretada a fim de garantir o direito a comunicação a pessoa surda. A lei destaca em seus artigos:

Art.1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende – se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual – motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art.2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Através dessa lei, a língua brasileira de sinais foi oficializada legalmente, e a partir deste decreto, passou a ocorrer em todo o país, debates associados a imprescindibilidade da aceitação à característica linguística da convergência surda, e da implementação e utilização das libras nas escolas, como resultado o acréscimo de práticas pedagógicas que estejam realmente preocupadas com a educação dessas crianças portadoras de deficiência auditiva.

De acordo com o Ministério da Educação, a “Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, art. 24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89 decretam que “a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita e, preferencialmente, na rede regular de ensino, e, ainda, se for o caso, à educação adaptada às suas necessidades educacionais especiais.” (BRASIL, 1996). Porém, na atualidade não é perceptível essas adaptações nas escolas em geral, pois na maioria das escolas não existe a presença do intérprete de LIBRAS, os professores

não possuem muitas informações sobre o processo de inclusão escolar e isso prejudica o aprendizado dos alunos.

De acordo com Gesser (2009), a Língua Brasileira de Sinais não é universal, ou seja, não existe apenas uma língua de sinais para todos os países, mas sim, em cada país existe uma língua de sinais específica daquela região. Por exemplo, nos Estados Unidos os surdos se comunicam por meio da Língua Americana de Sinais, na França, os surdos se comunicam por meio da Língua Francesa de Sinais.

A LIBRAS também possui gramática como a Língua Portuguesa. Apesar de muitos desconhecerem essa informação, na LIBRAS, em convergência com a Língua Portuguesa, também possui sinais polissêmicos. No processo de construção da polissemia nos sinais da LIBRAS, iremos levar em consideração os cinco parâmetros que compõem a fonologia da língua, fenômeno linguístico responsável por estudar os movimentos e configurações dos elementos envolvidos no processo de elaboração dos sinais. Na LIBRAS, um sinal será polissêmico se, na sua composição, seus cinco parâmetros forem idênticos, mas ele apresentar significados diferentes a depender do contexto. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), os cinco parâmetros fonológicos da LIBRAS são: configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões faciais.

A configuração de mão é o formato que a mão assume para realizar determinado sinal. Não podemos delimitar ao certo quantas configurações de mãos existem exatamente, pois a LIBRAS é uma língua viva e conforme o tempo vai passando e evoluções vão ocorrendo na língua, mais configurações podem surgir ou ser eliminadas. Mas estima-se que exista entre 50 a 70 configurações de mãos na LIBRAS. Esse número pode variar entre as línguas de sinais de outros países. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

O ponto de articulação é o espaço/local onde é realizado o sinal, podendo acontecer em alguma parte do corpo ou em um espaço neutro. O movimento é o deslocamento da mão no momento da realização do sinal. Alguns sinais possuem movimento e outros não, movimentos esses que podem assumir várias direções e formas. A orientação é o direcionamento que a mão assume no momento da articulação do sinal: direita, esquerda, frente, trás, para cima, para baixo, etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

As expressões faciais também chamadas de expressões não manuais ou expressões faciais/corporais são responsáveis por enfatizar a intensidade da

mensagem transmitida por determinado sinal. Podem assumir duas funções no processo comunicativo: diferenciação de itens lexicais e marcações de construções sintáticas. (QUADROS; KARNOPP, 2004).

2.2 A ESCOLA NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA DO ALUNO SURDO

O processo de inclusão do sujeito surdo é um ponto de bastante relevância para ser debatido na sociedade, para que seja contemplado com o devido reconhecimento não somente pelo recinto escolar, mas pela sociedade de um modo geral, pois percebemos que estereótipos são criados acerca do processo de inclusão e das características da identidade e cultura dos surdos. Sobre a inclusão escolar desses sujeitos:

o processo pelo qual uma escola procede, permanentemente, a mudança do seu sistema, adaptando suas estruturas físicas e programáticas, suas metodologias e tecnologias capacitando continuamente seus professores, especialistas, funcionários e demais membros da comunidade escolar, inclusive todos os alunos e seus familiares e a sociedade em seu entorno. (SASSAKI, p.17 2002)

O processo de inclusão precisa envolver metodologias de ensino, capacitação dos professores que irão atuar com alunos que possuem necessidades educacionais especiais, a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula, materiais didáticos específicos para garantir um melhor aprendizado desses alunos, além de um ambiente sem barreiras físicas e de comunicação.

Com relação a inclusão do aluno surdo na escola é possível perceber os problemas no ensino e aprendizagem e na interação entre os alunos surdos com os ouvintes, justamente pela falta de informação e conhecimentos que os demais alunos e até mesmo os professores não possuem.

De acordo com Machado (2009) o caminho para a inclusão escolar do aluno surdo precisa priorizar o ensino da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, promover e desenvolver projetos e palestras para a disseminação do conhecimento da língua materna dos surdos, enfatizar o aprendizado da Língua Portuguesa na modalidade escrita para os surdos como L2, materiais didáticos adequados e condições para que o aluno surdo aprenda da mesma forma que o ouvinte.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para o processo de realização desse estudo foi realizada uma pesquisa de campo, uma vez que, de acordo com Marconi (2008), configura-se por uma preocupação prática, onde as respostas obtidas devem ser, rapidamente adotadas para promover soluções ou amenizar problemas da sociedade. Os métodos utilizados se caracterizam como descritivos já que exibem propriedades de alguma população e evidencia relações entre as variáveis (GIL, 1999).

Sobre a abordagem utilizada para a produção deste trabalho, foi de cunho qualitativo, já que apresenta discussão e análise do problema de pesquisa, buscando reconhecer a eficiência dos resultados sem a presença de dados estatísticos. Foi realizada em uma escola pública, localizada no município de São Bento - PB.

Diante dos fatos apresentados, a tabela abaixo visa exibir os detalhes da classificação da pesquisa:

Tabela 01: Detalhes de classificação da pesquisa

CATEGORIZAÇÃO	DEFINIÇÃO
Quanto a natureza	Pesquisa Aplicada
Quanto a abordagem	Qualitativa
Quanto aos objetivos	Descritivos
Métodos de coleta de dados	Questionário
Local	Escola de rede pública

Fonte: Pesquisador do estudo, 2019.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para o processo de coleta de dados do estudo, foram utilizados alguns materiais para enriquecer e fundamentar nosso estudo. Para o capítulo da revisão

de literatura utilizamos como instrumentos: Livros, artigos científicos e monografias. Para o capítulo da análise, utilizamos como instrumento um questionário estruturado com 10 perguntas subjetivas sobre o processo de inclusão educacional do aluno surdo, aplicado a 4 professores de Língua Portuguesa da rede pública de ensino em São Bento – PB (apêndice 01).

3.3 PERCURSO METODOLÓGICO

A primeira etapa de realização do estudo consistiu em uma revisão de literatura acerca da temática trabalhada: o processo de inclusão educacional do aluno surdo na rede pública de ensino. No primeiro capítulo do nosso trabalho, foram abordadas as principais características da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e o papel da escola e do professor no tocante a inclusão do aluno surdo no recinto escolar. Nos embasamos teoricamente em Gesser (2009); Quadros e Karnopp (2004), Skliar (2002), entre outras fontes.

A segunda etapa de realização do estudo consistiu na elaboração de um questionário composto por 08 perguntas subjetivas a ser aplicado para professores de Língua Portuguesa da rede pública de São Bento - PB, com o objetivo de entender e analisar como esses professores interpretam e compreendem o processo de inclusão educacional do aluno surdo. Após coletar as respostas do questionário foi realizada uma análise dos resultados obtidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com o intuito de obter informações adicionais acerca do processo de inclusão do aluno surdo na instituição de ensino pública, foram levantados alguns

questionamentos em um questionário estruturado, o qual foi destinado a quatro professores de Língua Portuguesa da cidade de São Bento - PB, para uma análise de dados do processo de educação inclusiva. A classificação para analisarmos as respostas dos professores será a de P1 para o professor 1, P2 para o professor 2, P3 para o professor 3 e P4 para o professor 4.

O quadro 01 apresenta as respostas dos professores sobre a presença do intérprete de LIBRAS na escola.

PERGUNTA 01: NA ESCOLA, EXISTE A PRESENÇA DO INTÉRPRETE DE LIBRAS?

Quadro 01: respostas da questão 01

P1 – Não

P2 – Não

P3 – Em algumas escolas do município possui, mas devido a grande dificuldade de encontrar profissionais formados na área, existe muitas escolas que não possui intérprete de LIBRAS.

P4 – A pouca experiência que tive com aluno surdo foram três meses. Era curso de curta duração para pessoas que quisessem aprender LIBRAS. Não havia intérprete e mesmo que não tivesse seria desnecessário, já que o aluno não sabia LIBRAS.

Ao analisar as respostas dos professores podemos identificar que não existe a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula para atuar em consonância com o professor e assim garantir que as informações referentes aos conteúdos trabalhados sejam repassados para os alunos surdos. Sendo assim, já comprovamos um problema, se não existe o intérprete não há a possibilidade dos alunos surdos aprenderem da mesma forma que os ouvintes, ocasionando um grande déficit no aprendizado dos mesmos.

O quadro 02 apresenta a resposta dos professores sobre a relação entre os alunos surdos com ouvintes.

PERGUNTA 02: COMO SE DÁ A INTERAÇÃO ENTRE OS ALUNOS OUVINTES COM OS ALUNOS SURDOS?

Quadro 02: respostas da questão 02

P1 – A interação se dá através de gestos tipo, legal, não, tchau...

P2 – Geralmente os alunos ouvintes eles aprendem se comunicar com os alunos surdos em uma linguagem gestual que não é a LIBRAS.

P3 – O professor tenta se comunicar do jeito que o aluno entende. Devido o professor não ter formação suficiente para se trabalhar com alunos surdos, e não possuir um intérprete presente na sala de aula, acredito que a aprendizagem não ocorre de forma significativa. Assim, a interação acontece de forma simplificada.

P4 – Nesse caso em específico, como o aluno não sabia LIBRAS, os demais alunos se comunicavam gestualmente, ou a mãe do aluno (que o acompanhava) fazia a função do intérprete.

Percebemos que P1 ressaltou a simplicidade da comunicação entre os alunos surdos e ouvintes, limitando o diálogo em poucas expressões como: “legal”, “não” e “tchau”, uma espécie de respostas únicas para qualquer interação que o surdo possa vir a ter com um aluno ouvinte. P2 respondeu que a comunicação ocorre por meio de gestos e não pela LIBRAS, o que de certa forma é um problema, pois a LIBRAS é a língua de comunicação dos surdos e não deve ser confundida com mímicas e apenas gestos. P3 enfatizou que a comunicação acontece por meio do improviso, já que não existe o conhecimento da LIBRAS e nem a presença do intérprete. A comunicação por meio do improviso, mímicas e apenas gestos faz com que sejam criados mais estereótipos sobre a língua de sinais. É necessário propagar a informação sobre a LIBRAS para que todos os profissionais tomem conhecimento e aprendam a se comunicar. P4 respondeu que como os alunos não sabiam LIBRAS ainda, o próprio responsável que os acompanhavam fazia a comunicação por meio da vivência em casa e as formas que encontraram para trocar informação. Nesse sentido, por meio das respostas dos quatro professores identificamos a falta de conhecimento sobre a LIBRAS por parte de alguns surdos, ouvintes e profissionais, portanto esse é um ponto que deve ser trabalhado, por meio de capacitações, palestras, workshops, afim de compartilhar o máximo possível o conhecimento da língua materna dos surdos que é a LIBRAS.

O quadro 03 apresenta a resposta dos professores sobre a forma como eles se comunicam com os alunos surdos.

PERGUNTA 03: COMO É DESENVOLVIDA A SUA COMUNICAÇÃO DOCENTE COM OS SEUS ALUNOS SURDOS?

Quadro 03: respostas da questão 03

P1 – A minha interação se dá através de gestos também, pois o aluno surdo não tinha o conhecimento em LIBRAS.

P2 – Pedindo ajuda aos colegas ouvintes pra repassar o que o surdo tá querendo dizer.

P3 – Como ressaltado anteriormente, a minha comunicação com alunos surdos é bem simplificada, conseguindo ensinar o básico através do pouco que entendo sobre a língua de sinais, LIBRAS.

P4 – Atualmente não tenho alunos surdos. Mas, se esses alunos souberem LIBRAS, com certeza a comunicação será feita com essa língua.

Percebemos aqui, que apenas P4 demonstra ter conhecimento teórico e prático da LIBRAS a ponto de se comunicar com eficácia com os alunos surdos, desde que eles possuam domínio da sua língua materna. P3 afirma ter um conhecimento básico e por meio deste realiza uma comunicação simplificada. Tanto P1, quanto P2 ressaltam que a comunicação se dá por meio gestos e ajuda dos alunos ouvintes, ou seja, o professor espera que os demais colegas tentem compreender o que o aluno surdo está querendo dizer para poder repassar aquela informação para ele. Isso seria menos complicado se esses professores possuíssem pelo menos um conhecimento intermediário dessa língua que essencial para os educadores que trabalham e lidam diariamente com sujeitos surdos.

O quadro 04 apresenta a resposta dos professores sobre sua auto avaliação acerca do conhecimento em LIBRAS que eles possuem.

PERGUNTA 04: VOCÊ, ENQUANTO PROFESSOR, COMO AVALIA O SEU CONHECIMENTO EM LIBRAS?

Quadro 04: respostas da questão 04

P1 – Básico, pois conheço bem o alfabeto, os números e alguns gestos simples.

P2 – 0 (zero)

P3 – Bem escasso. O pouco que sei veio da minha formação docente. Não possuo nenhum tipo de capacitação na área.

P4 – Satisfatória, todavia é preciso estar em constante reciclagem, pois lido com uma língua que muda como qualquer outra.

Sobre o conhecimento dos professores participantes desta pesquisa acerca da LIBRAS, apenas P4 domina o idioma. P2 apenas respondeu de forma curta e direta que não possui nenhum conhecimento, nem o básico. P1 diz que domina o básico, a datilologia que é o alfabeto manual, os números, alguns sinais simples, mas nada avançado. P3 afirma que o seu conhecimento é bem escasso e o pouco que sabe foi aprendido na sua formação docente. Por meio dessas respostas, observamos o mesmo problema encontrado na questão anterior, a falta de conhecimento da LIBRAS. Os profissionais da educação, principalmente os que lidam com alunos surdos necessitam urgentemente buscar uma formação na área para que possam atender de forma satisfatória esses alunos, garantindo seu aprendizado significativo.

O quadro 05 apresenta a opinião dos professores sobre o processo avaliativo do aluno surdo.

PERGUNTA 05: COMO É CONSTRUÍDO O PROCESSO AVALIATIVO DOS ALUNOS SURDOS?

Quadro 05: respostas da questão 05

P1 – Como na escola não tinha intérprete, apenas a sala do AEE, fomos observando o desenvolvimento deste aluno durante as atividades nesta sala, como:

pintar, colar, recortar, atividades no computador.

P2 – Igual ao dos ouvintes, e na maioria das vezes é formado duplas de um ouvinte com um surdo para realização de avaliação.

P3 – O processo avaliativo é construído juntamente com a psicopedagogia, que 3 vezes por semana acompanha os alunos com necessidades especiais.

P4 – Se houvesse alunos surdos desenvolveria dois tipos de avaliações: 1 – privilegiando a língua de sinais; 2 – em língua portuguesa com auxílio de interpretação para língua de sinais, pois eles devem ser letrados em LP.

Sobre o processo avaliativo do aluno surdo, P1 destaca que, como na escola não há a presença do intérprete, os alunos surdos eram avaliados pelas atividades que faziam na sala de AEE – Atendimento Educacional Especializado, como pintar, colar, recortar e etc, no entanto, essa maneira de avaliar não garante que o aluno esteja desenvolvendo seu aprendizado tanto quanto o aluno ouvinte. P2 diz que forma duplas compostas por um aluno ouvinte e outro surdo e ambos respondem a avaliação aplicada. No entanto P2 não relatou se ambos respondiam as questões, como ocorria a atuação do aluno surdo no momento de responder as questões da prova, como o aluno ouvinte reagia com a sua dupla, se ajudava, se rejeitava, se havia uma interação. Quando aplicamos uma nova metodologia, é fundamental que observemos que ela está funcionando, nesse ponto P2 não deixou claro a sua resposta. P3 destaca a avaliação do aluno surdo é realizada com o auxílio da psicopedagoga, mas também não relata um exemplo de sua aplicação. P4 relata que a avaliação do aluno surdo deve privilegiar a sua língua materna em conjunto com a Língua Portuguesa, com o auxílio do intérprete. Nesse sentido é importante que todos os profissionais da educação tenham a conscientização de que não se deve facilitar a avaliação para o aluno surdo, ela deve ser a mesma aplicada para o aluno ouvinte, desde que o surdo tenha os materiais e o acompanhamento necessário para aprender tanto quanto os ouvintes, ou seja, o intérprete de LIBRAS.

O quadro 06 apresenta a opinião dos professores sobre a comparação entre o aprendizados dos alunos surdos com o dos ouvintes.

PERGUNTA 06: NA SUA OPINIÃO, ENQUANTO DOCENTE, OS ALUNOS SURDOS DESENVOLVEM SEU APRENDIZADO DA MESMA FORMA QUE OS ALUNOS OUVINTES?

Quadro 06: respostas da questão 06

P1 – Não; pois como esses alunos precisam ter, antes do intérprete, o domínio em LIBRAS, e na maioria não tem nem um, nem outro, eles conseqüentemente não irão acompanhar os conteúdos passados em sala de aula.

P2 – Não, pois a maneira de absorver os conteúdos são totalmente diferente da dos ouvintes; é preciso ter imagens e figuras com intérpretes para passar a tradução para eles , para que eles adquiram esses conteúdos.

P3 – Não, pois sem o intérprete não acontece uma comunicação significativa entre o docente e o aluno. O aluno muitas vezes chega a ficar perdido na aula, pois não compreende o que o docente fala.

P4 – Sim, a surdez não impede o desenvolvimento da aprendizagem.

Sobre o aprendizado dos alunos surdos, tanto P1 quanto P2 e P3 afirmam que o aluno surdo não absorve os conteúdos trabalhados da mesma forma que os ouvintes devido a ausência do intérprete em sala de aula, a falta de conhecimento que alguns alunos surdos tem sobre a LIBRAS. P4 respondeu esse questionamento fazendo referência a cognição do aluno surdo. Realmente o aluno surdo não apresenta disfunções cognitivas que os abstenham de aprender tanto quanto o ouvinte. Nesse aspecto, a surdez não impede o desenvolvimento da aprendizagem.

O quadro 07 apresenta a opinião dos professores sobre a efetividade da inclusão na escola de rede pública.

PERGUNTA 07: ENTRE 1 e 10, QUAL NOTA VOCÊ ATRIBUIRIA AO PROCESSO DE INCLUSÃO NESTA ESCOLA?

Quadro 07: respostas da questão 07

P1 – 10, pois apesar de não ter intérprete , este aluno em nenhum momento foi

excluído, tinha uma cuidadora, fazia parte da sala do AEE, e em todos os eventos participavam igualmente aos seus coleguinhas.

P2 – 5, porque os profissionais não estão preparados para essa inclusão, falta formação nesse sentido.

P3 – 5, pois o professor tenta da sua forma que aconteça a inclusão, mas infelizmente não acontece como planejado. Assim acaba dificultando a aprendizagem do aluno surdo.

P4 – Não respondeu!

Sobre a nota que os professores participantes da pesquisa atribuíram a processo de inclusão do aluno surdo na escola de rede pública, P1 afirma ser nota 10, pois o aluno não foi excluído e participava de tudo igual aos colegas ouvintes. Contudo é importante enfatizar que existe uma diferença entre inclusão e inserção. Não basta o aluno está inserido em sala de aula, ter uma carteira e uma professora, ele precisa de material específicos, a presença do intérprete de LIBRAS para realizar a tradução de tudo que o professor fala. Se não existe a presença do intérprete é impossível que haja um aprendizado significativo, conseqüentemente não tem como essa prática inclusiva receber nota 10. P2 e P3 atribuíram nota 5, devido aos problemas mencionados e discutidos nas questões anteriores. P4 não respondeu a esta pergunta.

O quadro 08 apresenta a opinião dos professores sobre as características de uma inclusão efetiva.

PERGUNTA 08: PARA VOCÊ, O QUE É UMA INCLUSÃO EFETIVA?

Quadro 08: respostas da questão 08

P1 – É você principalmente respeitar a deficiência daquele aluno e torna-lo normal e especial para todos os que o rodeia.

P2 – É aquela onde todos os aspectos favorece a inclusão. Desde profissionais capacitados e estrutura adequada.

P3 – Inclusão efetiva pra mim é quando possui nas escolas meios para

aprendizagem pensando nas dificuldades dos alunos surdos, como a existência de intérpretes, pois são um elo entre o professor e o aluno, sendo assim essencial a existência dos mesmos.

P4 – Inclusão efetiva ocorre quando o aluno é participante do processo de ensino e aprendizagem, não apenas do espaço físico escolar.

No último questionamento observamos que P1 relatou ser necessário respeitar a deficiência do aluno e torná-lo normal, mas esse aluno não é normal? Só porque ele apresenta uma característica que o difere dos demais não significa que ele seja anormal, também não devemos nos referir a esses sujeitos como deficientes, mas sim como alguém que tem uma diferença, mas que não o impede de se desenvolver socialmente e nos estudos como os demais. P2 afirma que ocorre inclusão quando são considerados todos os aspectos que o aluno necessita para aprender significativamente, como profissionais capacitados e estrutura adequada. P3 afirma que a inclusão vai existir de fato quando as dificuldades que aluno surdo possui forem enxergadas por todos e quando existir a presença do intérprete para promover a interação entre professor e aluno. P4 respondeu que existe inclusão quando o aluno, além de participar do espaço físico escolar, sobretudo participar do processo de ensino e aprendizagem, tendo suas condições respeitadas com todo o suporte necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente trabalho foi suceder uma discussão sobre o papel da escola, do professor e toda equipe do ambiente escolar no processo de inclusão educacional do aluno surdo. Esse estudo faz-se necessário para que possamos compreender a diferença existente entre inclusão e inserção de sujeitos que possuem necessidades educacionais especiais em sala de aula. A escola não deve visar apenas a entrada do aluno no espaço físico, mas sim fornecer recursos, suportes, ter o intérprete de LIBRAS para atuar junto com o professor e propiciar todas as condições necessárias para que o aluno surdo aprenda tanto quanto o ouvinte.

Por meio do questionário aplicado aos professores de Língua Portuguesa da rede pública de ensino de São Bento - PB identificamos que na escola a qual atende e possui alunos surdos matriculados não existe a presença do intérprete de LIBRAS, observamos também como se dá a interação entre os alunos surdos com os ouvintes, como os docentes ao se depararem com os alunos surdos realizam a comunicação com os mesmos, como os professores avaliam seu conhecimento em LIBRAS, além de identificarmos como esses professores realizam o processo avaliativo dos alunos surdos. Percebemos que os alunos surdos não desenvolvem o seu aprendizado tanto quanto os ouvintes devido a precariedade da educação inclusiva.

Observamos como os professores avaliam a prática inclusiva na escola, em que a maioria dos professores participantes da pesquisa atribuíram notas baixas ao processo de inclusão. Por último discutimos no último questionamento como deve acontecer uma inclusão efetiva, quando o aluno surdo é visto como um sujeito que apenas apresenta uma característica diferente dos demais, mas não possui nenhuma disfunção cognitiva que o abstenha de aprender. Portanto, é necessário a inclusão por meio de metodologia, recursos, a presença do intérprete, condições que propiciem ao aluno surdo aprender da mesma forma que ouvinte.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº 5.626**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais–Libras, e o art.18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicado no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

GESSER, Audrei. **Libras? que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MACHADO, R. **Educação Especial na Escola Inclusiva:** Políticas, Paradgmas e Práticas/ Rosângela Machado. - 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MARCONI, M.A. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. Ed São Paulo: Atlas, 2008.

QUADROS, Ronice Mülher; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira:** estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** construindo uma sociedade para Todos. 3. ed. Rio de Janeiro, WVA, 1997.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1 – Na escola, existe a presença do intérprete de LIBRAS?

2 – Como se dá a interação entre os alunos ouvintes com os alunos surdos?

3 – Como é desenvolvida a sua comunicação docente com os seus alunos surdos?

4 – Você, enquanto professor, como avalia o seu conhecimento em LIBRAS?

5 – Como é construído o processo avaliativo dos alunos surdos?

6 – Na sua opinião, enquanto docente, os alunos surdos desenvolvem seu aprendizado da mesma forma que os alunos ouvintes?

7 – Entre 1 a 10, qual nota você atribuiria ao processo de inclusão nesta escola?

8 – Para você, o que é uma inclusão efetiva?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO COMO PARTICIPANTE ENTREVISTADO

Título da Pesquisa: UM ESTUDO ACERCA DA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?

Pesquisador responsável: JOSICARLA FERNANDA FARIA RODRIGUES

Objetivos da pesquisa: Oportunizar uma reflexão acerca da forma como os alunos surdos são incluídos nas escolas públicas; discutir sobre a educação inclusiva dos surdos; analisar a história da inclusão do aluno surdo em sala de aula; refletir acerca do papel docente na construção da identidade do surdo no âmbito escolar.

Eu, _____, portador (a) do RG: _____, abaixo assinado, tendo recebido as informações acima, e ciente dos meus direitos abaixo relacionados, concordo em participar da pesquisa.

- a) A garantia de receber todos os esclarecimentos sobre a aplicação do questionário antes e durante o transcurso da pesquisa, podendo afastar – me a qualquer momento;
- b) A segurança plena de que não serei identificado, mantendo o caráter oficial da informação, assim como está assegurada que a pesquisa não acarretará nenhum prejuízo individual ou coletivo;
- c) A segurança de que não terei nenhum tipo de despesa material ou financeira durante o desenvolvimento da pesquisa;
- d) A garantia de que toda e qualquer responsabilidade nas diferentes fases da pesquisa é do pesquisador, bem como fica assegurado que poderá haver divulgação dos resultados finais em órgãos de divulgação científica em que a mesma seja aceita;
- e) A garantia de que todo o material resultante será utilizado exclusivamente para a construção da pesquisa e ficará sob a guarda do pesquisador, podendo ser requisitado pelo entrevistado a qualquer momento;
- f) A garantia de conferir benefícios à parte envolvida, uma vez que se busca informações acerca do ensino de Língua Portuguesa para surdos.

Pesquisador responsável

Assinatura do entrevistado (a)

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARTICIPANTE

Eu, _____, diretor (a)
da _____, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa intitulada “UM ESTUDO ACERCA DA INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NA ESCOLA DA REDE PÚBLICA: INCLUSÃO OU EXCLUSÃO?”, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta instituição. Como necessário, a qualquer momento, sendo a instituição participante da pesquisa, poderemos revogar esta autorização, se comprovadas atividades que causem algum prejuízo a esta instituição, ou ainda a qualquer dado que comprometa a integridade dos integrantes da pesquisa. Declaro também, que não recebemos nenhum tipo de pagamento por esta autorização, bem como os participantes não receberão qualquer tipo de remuneração.